

## **A POETA ALICE E A PENÉLOPE DE ULISSES**

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel

### **RESUMO**

O presente artigo é um fragmento do trabalho que venho desenvolvendo sobre a produção musical feminina no movimento musical dos anos 1980 batizado pela imprensa paulistana como Vanguarda Paulista. Especificamente, propõe-se a apresentar a história e a poética de Alice Ruiz, focadas pelos olhos da memória da poetisa. O trabalho se referencia pelos conceitos de genealogia, estética da existência e modos de subjetivação formulados por Michel Foucault, aproximando-os dos debates sobre relações de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero, poesia, vanguarda paulista.

## A poeta Alice e a Penélope de Ulisses

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel\*

O título deste trabalho é uma alusão à canção *Justo você, Berenice*<sup>1</sup>, na qual Itamar Assumpção descreve uma discussão fictícia com uma também fictícia Berenice, que teria considerado sua música inferior às de Prince (cantor e compositor americano) e às do Sting (cantor e compositor inglês), entre outros compositores e intérpretes. Entre os versos da canção, Itamar emenda: “justo você, Berenice, que não chega nem aos pés da poeta Alice, da Penélope de Ulisses”.

É minha intenção, neste artigo, discutir algumas questões que cabem dentro deste verso do compositor. A primeira questão pode parecer de pouca importância num primeiro momento, mas está contida em “a poeta Alice” – poeta ou poetisa? “De novo essa questão?”, provavelmente dirão essas mulheres que trabalham o verso e as palavras. Mas, sim, é importante. A palavra é o instrumento dos poetas, e também dos historiadores. Já fomos por demais alertados sobre significados e significâncias para permanecermos inocentes em busca da tal Verdade. Se existe a questão, gostaria de tentar, de alguma forma, mesmo que minimamente, contribuir para esse debate.

A segunda questão, que é o foco desse trabalho, consiste em uma reflexão sobre a construção da subjetividade de Alice em relação à imagem de Penélope, uma brincadeira que Itamar sempre fez com ela e que acabou citando na música. Penélope tecia uma mortalha para afastar seus pretendentes, vida e morte na construção e desconstrução diária desta mortalha, contínuo presente tecido durante o dia e desfeito na noite. Tecendo versos enquanto se desenrola a trama de sua vida, Alice Ruiz é da maior importância dentro do cenário literário brasileiro. Mas enquanto *os* poetas, tal qual Ulisses, rendem teses e dissertações infintas no meio acadêmico, *as* poetisas, fiandeiras das palavras, são deixadas à margem de nossa história literária, por maiores que sejam suas contribuições enquanto poética feminista.

---

\* 41 anos, mestranda em História Cultural na UNICAMP, escreve sobre o tema *Alice, Alzira, Tetê e Ná: produção feminina na Vanguarda Paulista*.

<sup>1</sup> Gravada no CD “Isso vai dar repercussão” - Itamar Assumpção e Naná Vasconcelos, Elo Music / 2004, lançado postumamente.

Júlia Kristeva utiliza o termo *Gênio Feminino* para tratar de três mulheres especiais na história da humanidade, as quais, como ela destaca, escolheu por afinidade pessoal: Hannah Arendt, Melanie Klein e Colette:

*Hoje o termo “gênio” parece-me designar aventuras paradoxais, experiências singulares e excessos surpreendentes que surgem, apesar de tudo, em nosso universo cada vez mais padronizado. (...) Chamamos “gênios” os que nos obrigam a nós contarmos sua história, porque ela é indissociável de suas invenções, inovações lançadas ao desenvolvimento do pensamento e dos seres, do florescer de questões, de descobertas e de prazeres que eles criaram. Suas contribuições nos dizem respeito tão intimamente, que não podemos recebê-las sem enraizá-las na vida de suas autoras. (...) Enfim, a realização singular de cada mulher, de sua personalidade, irredutível ao denominador comum de um grupo ou de uma entidade sexual, torna-se não somente possível, mas fervorosamente reivindicada. É porque eu sou eu, especificamente eu, que revelo a contribuição das mulheres à pluralidade do mundo. É aqui que se realiza a fulguração do gênio feminino. Reconhecer a contribuição maior de algumas mulheres extraordinárias que, por sua vida e sua obra, marcaram a história desse século é um apelo à singularidade de cada uma delas.*

Da mesma forma, foi por afinidade pessoal que escolhi escrever sobre Alice Ruiz – porque sua história e obra são muito maiores do que pretendem os reducionistas ao afirmarem “*Alice Ruiz? Ah! A viúva do Paulo Leminski!*”. Considerada pela crítica literária um dos grandes nomes da poesia brasileira, conta com tantos discípulos quantos teve Bashô, considerado um dos quatro grandes do haikai japonês<sup>2</sup>, gênero estudado e difundido pela poeta.

Algumas pessoas especiais contribuem com sua arte para a formação de gerações, e a poesia de Alice teve papel fundamental na minha própria formação. Escrever sobre ela é um gesto de amizade e gratidão, algo que posso fazer, como historiadora, para retribuir o que seus versos fizeram por mim.

## Poetisa é a mãe!

Quando escrevi o título deste artigo, o corretor ortográfico do software que utilizo imediatamente sugeriu a correção: “*O poeta* ou *A poetisa*”, o que me fez rir, já que questão da denominação “poeta ou poetisa” para a mulher que compõe versos é uma das boas discussões que

---

<sup>2</sup> Os Quatro Grandes eram Bashô, Issa, Buson e Shiki. Ver FRANCHETTI, Paulo; DOI, Elza Takeo e DANTAS, Luiz. *Haikai*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

### **A poeta Alice e a Penélope de Ulisses**

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel  
Revista ArtCultura, v. 7, n. 10, Janeiro-Junho de 2005  
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/anteriorNr10.php>

costumo ter com Alice Ruiz. Desde que nos conhecemos, venho defendendo a utilização do termo poetisa, por enfatizar a singularidade feminina, e porque de fato acredito que há uma singularidade de gêneros também no fazer poético, o que não necessariamente diz respeito ao sexo do escritor. Ela, no entanto, costuma me responder sem piscar que “*poetisa é a mãe*”, ou:

*Eu não vejo motivo pra gente discutir a respeito... Sabe, eu entendo o seu ponto de vista, eu sei o que você quer dizer com isso. Que é adotar uma nomenclatura dos homens, porque já se instituiu isso. Mas eu olho pra palavra. A palavra poetisa... sinto o peso das letras: poeta. Quando você fala poeta olha o movimento do som, olha como é uma coisa inteira assim, poeta. Morreu aí. Agora, poetisa... a sonoridade dá a impressão que é uma coisa... já vem... é pôr perfume na flor, sabe como?*<sup>3</sup>

Perfume a mais na flor, para quem conhece Alice, sabe que é da maior gravidade. Para ela, a poesia é a síntese, dizer com poucas palavras, *viver ao ar livre / com o mínimo indispensável / morrer com dúvidas*. Não é o supérfluo que lhe traz prazer. Isso já sugere uma estética específica adotada pela poetisa, em seus versos e em sua vida. Se considerarmos a estética da existência, como propôs Foucault, na *História da Sexualidade*, como a harmonia entre ação e enunciado, a correspondência entre o que se faz e o que se diz, posso afirmar que Alice escolheu de fato construir sua vida como uma obra de arte. A estética da existência, para o filósofo, seria a construção de uma subjetividade ética através de práticas do cuidado de si, *a elaboração da própria vida como uma obra de arte pessoal*<sup>4</sup>.

O fazer poético de Alice Ruiz é feminino, é singular. Alice concorda que as vivências são diferentes, e que seu fazer está em sua vivência. Ela não cria personagens em seus poemas, ela se expõe. Quem lê seus poemas e haicais está, de certo modo, se aproximando da poeta/poetisa e de seu olhar para a vida. Quando lhe perguntei se, como disse Fernando Pessoa, “o poeta é um fingidor”, sua resposta foi:

*... pra mim é justamente o contrário. Não tem personagem nenhum, é onde eu sou mais eu. Mas aí é que está, é uma parte de você, talvez a melhor parte, aquela parte que fica, vamos dizer, acima, além das corriqueiras do dia a dia, que fica além das questões pessoais, mesmo. Aquele nosso lado cujo compromisso principal é com a beleza e com a verdade, não a verdade no sentido corriqueiro, mas o que há de verdade em cada um que é universal*<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada pela autora do artigo com Alice Ruiz. São Paulo, 18/01/2005.

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. “Uma estética da existência” in *Michel Foucault – Ditos e Escritos – Vol. V: Ética, Sexualidade, Política*. Org. Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

<sup>5</sup> Idem.

#### **A poeta Alice e a Penélope de Ulisses**

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel  
Revista ArtCultura, v. 7, n. 10, Janeiro-Junho de 2005  
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/anteriorNr10.php>

E, respondendo à questão de considerar se há uma especificidade feminina em seu trabalho, ela comenta:

*eu acho que essa coisa da mulher na arte, se tem mesmo uma coisa feminina, eu acho que isso está mais ligado ao tipo de vida que você leva. Porque você acaba sendo motivada a escrever pela tua vivência – são coisas da tua vivência que te inspiram. E a vivência da mulher, na medida em que ela é diferente da do homem, assim, desde as coisas mais cotidianas, nossos afazeres, o tipo de relação com os filhos, que é uma coisa mais visceral... Tudo isso é claro que cria um tipo de produção que ou fala dessas coisas, ou fala dentro desse espírito, diferente do homem.*

Então, porque a dificuldade de entrarmos em acordo, se ela concorda com a singularidade de sua própria produção enquanto mulher? Em meu último artigo sobre ela, defendi a tese de que Alice se autodenomina poeta provavelmente por sua formação feminista dos anos 1970, que ainda trazia muito mais a luta pela igualdade entre os sexos do que a valorização das diferenças entre eles, que é o caso do feminismo nos dias de hoje, com a influência de grandes filósofos do pós-modernismo, como Foucault, Deleuze e Derrida – o que Margareth Rago vai chamar, com muita propriedade, de pós-feminismo<sup>6</sup>.

Dediquei, então, minhas pesquisas nas últimas semanas a procurar a origem dessa discussão que envolve poetas/poetisas não só do Brasil, como também de Portugal e Espanha. Todos os dicionários, de Houaiss a Aurélio, ao corretor de textos que me persegue nessas linhas, apontam poeta como substantivo masculino. E pronto. Mas, para minha surpresa, descobri em um dicionário etimológico que a palavra poetisa foi empregada pela primeira vez na língua portuguesa em 1813<sup>7</sup>, o que me deixou em estado de alerta. O início do século XIX foi um momento marcado pela naturalização da mulher pelo discurso médico positivista e pelo determinismo biológico, como em Cesare Lombroso<sup>8</sup>, que sustentava que a mulher era naturalmente e organicamente monógama e fria. Michelle Perrot e Geneviève Fraisse destacam, por outro lado, que já existiam gestos e escritos feministas em séculos anteriores, mas que foi a prática revolucionária das mulheres na Revolução Francesa, em 1789, que

---

<sup>6</sup> RAGO, Margareth. "Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos" in *Poéticas e políticas feministas*. Organizado por Cláudia de Lima Costa e Simone Pereira Schmidt. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

<sup>7</sup> CUNHA, Antônio Geraldo da – *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. P. 617. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

<sup>8</sup> Médico psiquiatra italiano. Sobre este assunto, vale a pena a leitura do capítulo 3, "O complicado sexo dos doutores" em RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

#### **A poeta Alice e a Penélope de Ulisses**

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel  
Revista ArtCultura, v. 7, n. 10, Janeiro-Junho de 2005  
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/anteriorNr10.php>

marcou a emergência do feminismo, tal como o entendemos quando eclodiu em 1830, cujo objetivo era a igualdade dos sexos e a prática de um movimento coletivo, social e político<sup>9</sup>.

Alguns dos fragmentos mais antigos de poesia ocidental conhecidos foram produzidos por uma mulher, Sapho, comparada por Platão, em grandeza, a Sócrates<sup>10</sup>. Em grego, de onde se origina a palavra poesia (ποίησις - poíesis), há um único termo que designa a pessoa que faz poesia: ποιητής (poietés). Nos dicionários franceses, no entanto, já constava, em 1798, a utilização de uma palavra feminina para designar poeta, com a ressalva de que o termo era pouco utilizado:

*POÉTESSE. s. fém. Femme Poëte. Il est peu usité. On dit de Sapho, de Deshoulières, qu'elles étoient Poëtes; mais on ne dit pas La Poëte Sapho: ce seroit le cas de dire, La poëtesse..... On l'évite.*<sup>11</sup>

No mesmo dicionário, a palavra masculina *Poëte* traz a observação que *en parlant d'Une femme, on dit, qu'Elle est Poëte*<sup>12</sup>. Ou seja, apesar das duas formas distinguirem os sexos, seria o correspondente da palavra Poeta o que era utilizado correntemente, a exemplo de outros substantivos comuns aos dois sexos, como *artiste* (artista).

Na edição de 1832, no início de fato do feminismo na França, o termo apareceria da seguinte forma, com a mesma ressalva anterior:

*POÉTESSE. s. f. Femme poëte. Sapho étoit une poëtesse illustre. L'Italie moderne compte plusieurs poëtesses célèbres. Il est peu usité.*<sup>13</sup>

Caberia um aprofundamento nessa pesquisa para dizer se foi o feminismo ainda nascente que resolveu resgatar o termo, ou se este foi de fato imposto pela linguagem dominante, masculina, como propõem as escritoras que se denominam poetas. Não é nosso intuito, neste artigo, levar adiante essa questão, ao analisarmos o fazer poético de Alice Ruiz. No entanto, considerando todas essas discussões, optei por chamá-la, neste texto, de poeta, como ela prefere. Cabe ainda aqui um outro comentário dela sobre a questão:

---

<sup>9</sup> FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle. "Introdução: ordens e liberdades" in *História das Mulheres no Ocidente. Vol 4: O Século XIX*. P. 12. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

<sup>10</sup> Ver GAGNEBIN, Jeanne Marie. "Um rosto iluminado" in *Trópico: Revista Online*. <http://pphp.uol.com.br/tropico>

<sup>11</sup> *Dictionnaire de L'Académie française*, 5th Edition. P. 312. Paris, 1798.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> *Dictionnaire de L'Académie française*, 6th Edition. P. 2:444. Paris, 1832.

#### **A poeta Alice e a Penélope de Ulisses**

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel  
Revista ArtCultura, v. 7, n. 10, Janeiro-Junho de 2005  
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/anteriorNr10.php>

*Poesia é feminina, e a palavra poeta termina com A. Eu prefiro que a gente fique com poeta e eles com “poeto”. Eles que mudem [risadas].<sup>14</sup>*

## **Tecendo versos**

*Bem que eu vi  
Ulisses andou por aqui  
Circes e Cíclopes  
Enquanto cinco ou seis  
Tentavam Penélope  
Atrás de um fio*

*tecendotecendotecendo  
tecendotecendotecendo  
tecendotecendotecendo  
tecendotecendo  
tecendotecendo  
tecendo<sup>15</sup>*

Alice Ruiz nasceu em Curitiba, em 22 de janeiro de 1946, filha de Ângela Ruiz, que possuía com suas irmãs uma loja de chapéus chamada Madame Ruiz, em Curitiba, na rua XV de Novembro, e de Sezefredo Gotlieb Schönrock, que trabalhava como barbeiro durante o dia e, à noite, como músico, tocando trombone. É importante destacar que a data de seu aniversário foi simbólica no fazer poético e na construção da subjetividade de Alice, porque foi também em um 22 de janeiro que nasceu o seu tio Percy Wendler, pintor e poeta, morto por cirrose hepática quando ela tinha dois anos e, ainda, por seus estudos em astrologia (a data de nascimento pode fornecer o mapa astrológico, ou seja, a posição dos planetas no céu no momento do nascimento), que há anos é utilizada como instrumento de auto-conhecimento.

Seus pais se separaram quando Alice tinha sete anos, e depois de uma curta estadia de dois anos com sua mãe em São Paulo, volta para Curitiba com problemas pulmonares. A tia Francisca Ruiz, viúva de Percy, criou-a dos nove aos dezoito anos. Mantinha apenas uma Bíblia para leitura na casa, e quando Alice escreveu seu primeiro conto, batizado por ela de “O homem cinzento”, a tia picou tudo

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada pela autora do artigo com Alice Ruiz. São Paulo, 18/01/2005.

<sup>15</sup> RUIZ, Alice. Poesia retirada de *Navalhanaliga*. Curitiba: ZAP Edições, 1980.

### **A poeta Alice e a Penélope de Ulisses**

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel  
Revista ArtCultura, v. 7, n. 10, Janeiro-Junho de 2005  
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/anteriorNr10.php>

em pedaços - tinha muito medo que a menina levasse uma vida desregrada como o tio, o que, na memória da poeta, tem ligação com a data de nascimento e os interesses em comum:

*Eu tinha um tio que morreu quando eu tinha dois anos – ele era do mesmo dia que eu – e ele morreu de cirrose, era poeta e pintor. E eu fui criada pela tia que era viúva dele. Dos nove aos dezoito anos eu morei com ela. Então lá pela adolescência quando eu começava... eu desenhava bem, até, eu não desenho, mas eu desenhava razoavelmente bem. E quando eu comecei a escrever – não sei se é porque nós éramos do mesmo dia – ela começou a minar isso ela falou: “ah, não me diga que você é como o Percy. Não quero que você seja como o Percy, termina mal! Na vida a gente tem que ser prático e...” E aí ela começou a jogar fora poemas meus, desenhos. Ela não queria de jeito nenhum que eu fosse pra esse lado. Claro que foi por amor, mas eu lembro que esse conto ela jogou fora. Ela rasgou, furiosa, falou que era uma besteira “você está escrevendo sobre coisas que você não conhece, você não nasceu pra fazer isso...” Ela foi bem radical. Aí eu comecei os poemas, eu não parei. Mas eu escondia, comecei a esconder dela. Foi a primeira mentira, porque eu não... Aletheia<sup>16</sup>, eu não podia mentir, tinha horror à mentira. Mas eu acho que foi a primeira vez...<sup>17</sup>*

No entanto, Alice já estava arrebatada pela beleza e pela poesia. Essa associação ao tio, o fato da família associar também a arte ao desregramento, acabou gerando um tabu que chamou sua atenção, ainda menina:

*eu acho que a primeira noção de beleza, a primeira vez que eu fiquei extasiada com a beleza, foi com uma mancha de óleo numa poça d'água num posto de gasolina (risadas) que eu vi o arco-íris ali e fiquei viajando. Talvez esse momento tenha... eu era muito nova, não sei que idade tinha – talvez esse momento tenha sido muito importante porque alguma coisa em mim escolheu a beleza. Eu acho que é meio isso. Aí tinha esse tio poeta que morreu quando eu tinha dois anos e que era meio que super-ego às avessas, porque tanto a família via nele um tabu, tudo o que dissesse respeito a ele, e associavam a desgraça da sua vida, a morte precoce por cirrose, enfim, associavam a arte à doença. Mas justamente porque era tabu eu acho que isso começou a me fascinar nessa personalidade, mesmo, porque a minha tia era profundamente apaixonada por ele. E falava dele muito, no bom e no mau sentido. Isso forma uma imagem, quase que um modelo na tua cabeça. É engraçado, mas eu desconfio que foi essa... virou um fascínio, esse tabu gerou um fascínio (...) Jean Genet já falou que quando ele era criança e o chamaram de ladrão, então “aí eu soube o que eu era”. Então no fundo, no fundo, eu devo à minha tia o fato de eu ser poeta, porque ela me associou diretamente à poesia.<sup>18</sup>*

---

<sup>16</sup> Aletheia - do grego, a (não) e *léthe* (esquecimento), ou seja, o “não-esquecimento”, o “não-oculto”, a “verdade”, de onde se origina o nome Alice.

<sup>17</sup> Entrevista realizada pela autora do artigo com Alice Ruiz. São Paulo, 18/06/2003.

<sup>18</sup> Idem, em 18/01/2005.

#### **A poeta Alice e a Penélope de Ulisses**

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel  
Revista ArtCultura, v. 7, n. 10, Janeiro-Junho de 2005  
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/anteriorNr10.php>



Alice foi, como ela diz, “poeta de gaveta” até os 22 anos, quando se casou com Paulo Leminski e finalmente, mostrou a ele o que escrevia. Surpreso, Leminski comentou que ela escrevia haicais, termo que até então Alice não conhecia. Mas encantou-se com a forma poética japonesa, passando então estudar com profundidade o haicai e seus poetas, tendo traduzido quatro livros de autores e autoras japonesas, nos anos 1980.

Antes da publicação de seu primeiro livro, *Navalhanaliga*, em dezembro de 1980, já havia escrito textos feministas, no início dos anos 1970 e editado algumas revistas, além de textos publicitários e roteiros de histórias em quadrinhos. Alguns de seus primeiros poemas foram publicados somente em 1984, quando lançou *Pelos Pêlos* pela Brasiliense:

*antes que eu te deixe  
deixa eu dar um gole em você  
ficar de porre até o verão*

*deixe uma dúzia de carinho  
do mais terno  
que dure todo o inverno*

*me conte um sonho  
vou sonhar no outono*

*depois me deixe ir  
se puder me espera  
volto quando acabar  
a primavera*

*Navalhanaliga*, o primeiro livro, foi publicado pela ZAP Editores, de Curitiba, pouco mais de um ano após a morte de seu primeiro filho com Leminski, Miguel, e é dedicado a ele<sup>19</sup>. Alice estava então com 34 anos e grávida de Estrela:

*... uma das melhores coisas que aconteceu na minha trajetória, é ter vindo à público mais madura, mais adulta. Eu estava esperando a Estrela, estava no terceiro filho, doze anos de casada... Já tinha vivido fama e fome. A fama foi por causa da publicação do Décio [Pignatari], mas ainda era uma poeta inédita, no sentido de um livro. Daí, já tava rolando umas músicas, também... mas aquela coisa que eu acho que até essa idade, era uma coisa assim: eu faço porque não consigo não fazer, e aplicando de acordo com o que vai acontecendo na minha vida. Então ia um músico lá em casa com violão e eu mostrava, entendeu “ah, legal, eu quero essa” e pronto. Mas*

---

<sup>19</sup> Alice Ruiz e Paulo Leminski tiveram três filhos: Miguel Ângelo Leminski (1969-1979), Áurea Alice Leminski (1971) e Estrela Ruiz Leminski (1981).

#### **A poeta Alice e a Penélope de Ulisses**

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel  
Revista ArtCultura, v. 7, n. 10, Janeiro-Junho de 2005  
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/anteriorNr10.php>

*assim, nunca tive pretensão. Pretensão de pertencer a um movimento literário, pretensão de estar inovando em alguma coisa, sabe, pretensão de chegar a algum lugar e ganhar um determinado prêmio, nada, nunca, até hoje. Não tenho projeto, não tenho carreira. Eu só trabalho. Trabalho porque não posso não trabalhar, escrevo porque não posso não escrever, não suportaria, fico sem ar. Quando vêm aqueles períodos de entressafra, dos quais evidentemente eu já estou acostumada, quando eles começam a se prolongar eu começo a sofrer fisicamente. Tem que desaguar, é uma necessidade muito maior do que a do orgasmo, sabe? É uma coisa de que se eu não escrever eu começo a passar mal fisicamente. Falta ar, não durmo direito, tenho dor de cabeça, ansiedade, fico trêmula. É físico, é físico o negócio!*

Esse livro foi um marco em sua vida. Ganhou o prêmio de melhor obra publicada no Paraná pela Secretaria Estadual de Cultura e foi, a partir de alguns poemas ali publicados, que nasceu a primeira parceria musical com Itamar Assumpção:

*Navalha na liga*<sup>20</sup>  
(Itamar Assumpção e Alice Ruiz)

*Nada pode tudo na vida*

*Por que toda estrela pisca no céu  
e o cometa risca?  
por que você não se arrisca, meu bem  
e vem, belisca e petisca?  
por que teu beijo faísca?*

*Valha navalha na liga  
nada na barriga  
valha navalha*

*não se escandalize, não  
tudo isso a gente pensa  
quando entra em transe  
quando sai da crise*

*vou dizer não, não, não, não, não, não  
tantas vezes até formar um nome  
até formar seu nome*

*valha navalha na liga/nada pode tudo na vida*

*falta de sorte  
fui me corrigir  
errei*

---

20 Gravada por Itamar Assumpção no LP *Sampa Midnight - Isso não vai ficar assim* (Independente/1986)

**A poeta Alice e a Penélope de Ulisses**

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel  
Revista ArtCultura, v. 7, n. 10, Janeiro-Junho de 2005  
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/anteriorNr10.php>

Para Marcelo Sandmann, poeta, compositor e professor de literatura da Universidade Federal do Paraná, o título *Navalhanaliga* é

*explícito em seu engajamento feminino/feminista. Título de livro e de um conciso poema significativamente reproduzido na contracapa ("nada na barriga / navalha na liga / valha"), a expressão é índice de uma postura bem definida. Objeto de corte, símbolo fálico, a "navalha" surge aqui apropriada pelo feminino, incorporada definitivamente à "liga", ao corpo da mulher (e o amálgama gráfico não tem nada de gratuito), arma branca para ataque e defesa. Uma prática entre as prostitutas, aliás. Assim, é uma situação da mulher que se coloca aqui, e uma condição da própria poesia em clave feminina, diz respeito às prostitutas que costumavam utilizar a navalha como instrumento de defesa, escondendo-a na cinta-liga.<sup>21</sup>*

A meu ver, o título representa também o corte da navalha nos instrumentos de sedução usuais da mulher, ou do que se esperava como modelo de sedução feminina. É nele que Alice publica *O que é a que é*, poesia considerada por ela o seu manifesto feminista:

*Usada e abusada.  
Palpável mas oca.  
Amainada para mãe.  
Acusada e recusada.  
Calada e mal falada.  
Alienada e esquecida.  
Ordenada e ordenhada.  
Solicita e solicitada.  
Bordadeira e abordada.  
Afastada e sempre a mão.  
Moderada e bem adornada  
Dá a luz e vive escondida.  
Transcende em descendência.  
Mal informada forma pessoas.  
Foi vocada a não ter vocações.  
Sem necessidades, só caprichos.  
Inclinada por instinto só ao lar.  
Criticada e fadada à idade crítica.  
Econômica nada entende de Economia.  
Domingo, dia do Senhor, não descansa.  
O que no homem é estilo nela é relaxo.  
Não dá tom e dança conforme a música  
Chora quando não tem mais nada a dizer.  
Consumidora voraz é vorazmente consumida.  
E o que mais consta e o que menos se nota.*

---

<sup>21</sup> SANDMANN, Marcelo. "A lira com cordas de hai-kai" in *Revista Medusa*. Nº 8. Dezembro-Janeiro 99/2000. Curitiba.

#### **A poeta Alice e a Penélope de Ulisses**

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel  
Revista ArtCultura, v. 7, n. 10, Janeiro-Junho de 2005  
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/anteriorNr10.php>

*No dicionário figura como a fêmea do homem.  
 Para compreender não tem muito o que aprender.  
 A melhor paisagem atrás do buraco da fechadura.  
 Produz pouco porque já reproduz e isso lhe basta.  
 Não precisa ser atualizada, mas deve andar na moda.  
 A força que despende para ser frágil continua oculta.  
 As suas tentativas de participação recebem como intromissão.  
 Já que não tem responsabilidade não pode ter mau-humor  
 Tem que ser uma obra de arte que não fique para a posteridade.  
 Perde tanto sangue que fica com o que se chama por aí de “sangue de barata”.  
 Dócil, meiga, sutil e submissa, deixa aos homens os defeitos correspondentes.  
**PRECISA-SE: TORNEIRO MECÂNICO, CONTADOR, ANALISTA DE SISTEMAS,  
 ENGENHEIROS, ETC COM CAPACIDADE COMPROVADA, E DE UMA RECEPCIONISTA  
 COM ÓTIMA APARÊNCIA.**  
 Pode escolher entre o céu e o inferno, mas a terra não, essa é do sexo oposto.  
 Entrave para a liberdade masculina através das traves da obediência.  
 Quanto mais espírito melhor, mas o futuro acaba junto com a beleza.  
 Se for grande é porque está por detrás de um grande homem.  
 Sempre esperando e levando a fama de se fazer esperar.  
 Seu entusiasmo é chamado de assanhamento.  
 Nascida para dentro aí ficará até  
 que a terra coma o resto que os  
 filhos e os homens deixam.  
 Faz par mas embaixo.<sup>22</sup>*

Depois de *Navalha* veio *Paixão Xama Paixão*, em 1983. Esse livro foi inteiramente bancado pela poeta, e teve uma única edição. Quando publicado, Estrela, sua filha caçula estava com dois anos, e Alice estava apaixonada pela vida, pelas filhas e por Leminski. Sem dinheiro para dar um presente ao poeta no dia dos pais, propõe:

*topa um pacto de sangue  
 com essa cigana do futuro  
 que lê  
 o passado na tua boca  
 o presente no teu corpo  
 e nos teus olhos  
 tanto quanto nos astros?*

Os astros e a Astrologia fazem parte da vida cotidiana de Alice, é estimulante conversar com ela sobre o assunto, e é também, para a poeta, uma fonte de inspiração e uma plausível explicação sobre suas parcerias:

---

<sup>22</sup> No original há uma arte gráfica desenhada por Reynaldo Jardim circundada por este texto. A arte sugere um caracol, útero ou a Via Láctea, um círculo com uma espiral interna de onde saem as palavras do poema.

*Engraçado, tem pessoas criativas, também, que você está conversando, está sempre junto e não acontece nada de produzir. Mas tem outras que acho que acendem uma faísca quando a gente se encontra e a gente fica mais brilhante [risadas]. De alguma forma, o estar perto daquela pessoa liga... não sei se é um encontro de planetas, provavelmente é... provavelmente tem uma coisa aí (...) o Itamar não me confirmou o horário de nascimento dele, então eu não... eu nunca vi um mapa do Itamar, não cheguei a fazer um mapa dele. Tem vários que eu não tenho – o Chico [César] eu não tenho o mapa, o Zeca [Baleiro] eu não tenho mapa. O da Alzira [Espíndola] eu não lembro – a gente tem algum aspecto legal, assim, de fluência. O Zé Miguel [Wisnik] é que eu lembro, porque ele estuda Astrologia também e daí a gente já fez essa coisa de olhar os mapas e tem uma, eu não lembro, é um aspecto de fluência entre os dois Júpiteres. Um sextil, uma coisa assim. Tem uma coisa de um trígono de Vênus, eu acho também, que também tem a ver com criatividade e expansão... Mas eu acho que é por aí. Bom, o Zeca é Áries e eu tenho o ascendente em Áries. A maior parte dos meus parceiros é virginiano – que é tudo a minha casa 5, que é a minha casa da criatividade – o Itamar, o Arnaldo [Antunes], a Alzira. A Rogéria Holtz que canta as minhas músicas, é virginiana também. O Paulo era virginiano. Casa 5, estão todos lá. Tem planeta na minha casa 5 a gente sai compondo...*

Na entrevista que fez para a Revista de arte e poesia Medusa, em 1999, Alice publicou um de seus poemas ainda inéditos em livro, também sobre o tema:

#### ***Só para astrólogos***

*se o sol sextil vênus  
ninguém viu  
discretos que são  
diante de uma conjunção  
tão carnal*

*se a lua enquadrrou marte  
ninguém se opôs  
afinal, por quem  
os trêgonos dobram  
senão para o quincôncio  
final?*

Em 1984 a Editora Brasiliense Publicou o *Pelos Pêlos*, pela série “*Cantadas Literárias*”. Foi primeiro lançamento nacional de Alice Ruiz. Nele entraram a maioria dos poemas já publicados em *Navalhanaliga* e *Paixão Xama Paixão*, além de poemas inéditos e dos escritos até 1979. Neste livro há um poema, escrito para o filho, Miguel, de extrema dor e delicadeza:

*ainda me viro  
e me vejo  
pronta a te chamar*

*a te contar  
que aprendi hoje  
coisas que você soube*

*ainda te vejo  
em cada bicho  
em cada pensamento  
me surpreendo olhando  
com teus olhos de pesquisa  
e o que vejo  
vira beleza*

*ainda te sinto  
em tudo que permanece  
como se tua pressa  
de vida que se extingue  
ficasse um pouco em tudo  
ainda*

A dor em Alice se transformou também em poesia – o pai partiu quando ela tinha sete anos, o filho aos trinta e dois, Leminski aos quarenta e seis e Itamar, seu grande parceiro, quando a poeta estava com cinquenta e sete anos. Tal qual Penélope, a dor se transforma em saudade e em poemas de força e suavidade. É difícil para Alice falar sobre isso, no entanto, a poeta expõe seus sentimentos sobre a dor em sua poesia, como neste haicai escrito em 1989:

*os homens de minha vida  
sempre vão embora  
mesmo quando sou eu*

Ou nesta poesia sobre seus filhos, no *Navalhanaliga*:

*enchemos a vida  
de filhos  
que nos encham a vida*

*um me enche de lembranças  
que me encham  
de lágrimas*

*uma me enche de alegrias  
que encham minhas noites  
de dias*

*outro me enche de esperanças  
e receios*

*enquanto me incham  
os seios*

Em 1988, pela mesma série “Cantadas Literárias”, a Editora Brasiliense publica uma única edição de *Vice Versos*, livro pelo qual Alice ganhou o Jabuti de 1989 no gênero poesia:

*eu fiquei surpresa, é eu fiquei surpresa. Os prêmios que eu ganhei até agora eu fiquei surpresa. Primeiro que em nenhum deles eu me inscrevi, quer dizer, com exceção do último, da Blocos, que eu me inscrevi. Mas os primeiros, o Navalhanaliga era uma coisa da Secretaria Estadual do Paraná que lançava o concurso dos melhores livros publicados e era uma comissão interna que escolhia, você não inscrevia seu livro no concurso. E o Jabuti é a mesma coisa, não sei se é a Editora que te inscreve, até agora não sei como funciona direito, mas eu não me inscrevi em nenhum dos dois, então absoluta surpresa. E no Jabuti eu fui no dia, o Paulo estava concorrendo com “Guerra dentro da gente”, na área de Infanto-Juvenil, e eu com o Vice Versos em Poesia. Poesia ficou pra depois, então o Infantil já tinha sido, já tinha dado aquela brochadinha, porque eu adoro o livro “Guerra dentro da gente”, acho que merecia... é, não ganhou o Jabuti mas já vendeu mais de 100.000 exemplares, quer dizer... já o meu “Jabuti” vendeu 1.000 só, porque a editora não reeditou. Mas foi louco assim, porque o cara falou o nome das pessoas, mas antes ele lia um trecho do vencedor antes de dizer quem era (...) Aí ele começou a ler poemas meus. E eu fiquei olhando assim, não acreditava. A Estrelinha estava junto, ela fez a maior festa, ficou toda feliz... foi muito legal. Eu gostei muito de ganhar, fiquei bem emocionada. Por outro lado, o Caio Fernando Abreu que já era meu amigo na época ganhou também e já era sei lá, o nono que ele estava ganhando, ele vivia ganhando o Jabuti, e daí na hora de dar a entrevista nós estávamos lado a lado [risadas] e eu, imagina, primeiro Jabuti - primeiro e único até agora, né - mas fiquei toda empolgada, falando da importância, que eu ficava feliz porque eu sabia que era um prêmio seriíssimo e tal, e daí eles entrevistam o Caio do meu lado e ele falou exatamente o contrário, ele falou “eu não agüento mais ter uma geladeira vazia cheia de Jabutis” [risadas]*

É em *Vice Versos* que Alice publica sua primeira declaração de amor a São Paulo, cidade em que viveu depois da morte de Paulo Leminski, de 1989 até 1992, e para onde retornou, em outubro de 2001:

*na esquina da consolação  
com a paulista  
me perdi de vista  
virei artista  
equilibrista  
meio mãe  
meio menina  
meio meia-noite  
meio inteira  
inteiramente alheia  
toda lua cheia*

São Paulo atrai a poeta por provocá-la, e Alice gosta de provocações. Uma parte de sua criatividade está ligada a essas provocações, intelectuais e urbanas, que se transformam em poesia e letras de canções:

*Tem que ter desafio, tem que ir pra uma cidade diferente, uma cidade que te provoque, que te instigue. Até pra se vestir você precisa aprender em outra cidade, porque São Paulo tem um jeito de se vestir. Os meus terninhos curitibanos foram aposentados, por exemplo [risadas] Tudo, tudo novo. E é louco, porque eu vou pra lá [Curitiba] e as pessoas dizem “que é que você fez que você está tão mais bonita, tão mais jovem, tão não sei o que mais?”. Eu não fiz nada. Fui pro palco fazer show, mas isso eu já estava fazendo lá. Foi apenas... aceitei o desafio, comecei. Mudei de estado – nos dois sentidos da palavra [risadas] - mudei de Estado.*

Itamar Assumpção, em especial, tinha o dom de provocar Alice o tempo todo. Ela conta que uma vez ela veio de Curitiba para São Paulo por apenas uma noite, para um aniversário, então não avisou Itamar que estava na cidade. Acontece que ele ligou na casa em que a festa acontecia, e quem atendeu foi Alice. Itamar furioso por não saber da vinda de amiga disse alguns impropérios ao telefone, concluindo com algo como “Como você está aqui e não me avisa? Você é assim”, ao que Alice imediatamente respondeu: “Itamar, é de estarrecer, mas ser e estar não é a mesma coisa. Só em inglês é a mesma coisa.” Itamar riu e respondeu “te perdô se você me escrever essa letra agora”. Alice enviou a letra de uma das belas composições musicadas por Itamar Assumpção que ainda não foram gravadas:

***É de estarrecer***  
(Itamar Assumpção e Alice Ruiz)

*é de estarrecer  
estar e ser em inglês  
é a mesma coisa  
assim como você  
pode ser e não estar  
você pode estar e não ser  
estar e ser  
parece a mesma coisa  
mas não é  
de estarrecer  
to be or not to be  
here and now  
eis a grande questão  
ser passado, ser futuro, ser presente  
ser humano, estar sendo,  
ser amado, ser seguro, ser ausente*



*ser cigano, estar vivendo  
to be happy, to be free  
estar em você, ser em mim  
to be or not to be  
para Shakespeare and me  
é de estarrecer  
estar e ser em inglês é a mesma coisa  
estar e ser  
parece a mesma coisa  
mas não é  
de estarrecer?*

Depois da publicação de *Vice Versos*, Alice só voltou a publicar inéditos em 1996, com *Desorientais*. Já estava então ministrando oficinas de poesia, específicas sobre a produção de haikai, o que faz também nos dias de hoje. O haikai, com regras rígidas baseadas na ausência do eu, dezessete sílabas e marcados por um *kigo* (símbolo da estação do ano) – regras que, em geral, Alice *gosta muito* de desobedecer (daí o título do livro *Desorientais* e também o encanto específico de seus versos no estilo) - é uma forma de poesia contemplativa:

*O pensamento oriental nos ensina muito a ser um instrumento de poesia, quer dizer, não ficar só no intelecto, porque, na verdade, o intelecto é um empecilho para que se viva intensamente as coisas. Você pensar "eu estou feliz agora" é uma forma de conter essa felicidade para que ela não ameace o seu estado natural de falta de (risadas). Então esse trabalho de retirar o eu das coisas, de procurar ver as coisas como elas são, independentes do nosso olhar, isto é, não ficar se colocando, porque o se colocar é antipoético. (...). Quando você consegue esse equilíbrio dentro de você, de captar a realidade com todos os seus planos de percepção e não só com o intelecto, você consegue se ausentar, consegue tirar o seu eu do que rola. Essa ausência é um estado de busca constante pra mim. Ao mesmo tempo, conseguidas essas coisas, você vira um instrumento de poesia, passa a ser permeável. Ao mesmo tempo, qualquer instrumento tem que estar afinado para se conseguir tocar bem, então, essa afinação é o estudo, a leitura, a prática da linguagem, que é o instrumento do instrumento. Tudo isso tem que ser suficientemente burilado, de tal forma que você se sinta preparado para esses momentos, para que as coisas se encaixem bem em você, como se você fosse um elemento permeável. Que você esteja pronto para a poesia passar por você e que ela já saia dentro de uma linguagem mais elaborada, mas não a elaboração artificial, mas sim a de um domínio que foi totalmente assimilado por você, como um instrumento afinado.<sup>23</sup>*

---

<sup>23</sup> Entrevista de Alice Ruiz a Marcelo Sandmann e Luci Collin. "A lira com cordas de hai-kai" in *Revista Medusa*. Nº 8. Dezembro-Janeiro 99/2000. Curitiba.

#### **A poeta Alice e a Penélope de Ulisses**

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel  
Revista ArtCultura, v. 7, n. 10, Janeiro-Junho de 2005  
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/anteriorNr10.php>

É interessante notar que, fraturas expostas, Alice tenha se dedicado, dentro da poesia, em buscar a ausência do *eu*, como propõe acima. Mas é importante entender que, para a poeta, essa ausência se refere ao *ego* – o *fazer*, para ela, continuaria marcado pela presença e pelo estilo de quem escreve. Os haicais da poeta acontecem cotidianamente, alguns oriundos da contemplação, mas sempre com o delicioso humor de Alice e com a leveza de seus traços:

*mosquito morto  
sobre poemas  
asas e penas*

Ou,

*janela que se abre  
o gato não sabe  
se vai ou voa*

Quando teve sua casa na Granja Viana, em São Paulo, assaltada por ladrões que levaram tudo, compõe em parceria com a filha Áurea:

*roubaram a casa  
as moscas ficaram  
às moscas*

Em 1999, também por provação sobre as letras de canções serem ou não poesia, resolve entrar num concurso de poesias da Editora Blocos somente com as letras de música que escrevera até então. Ganhou o primeiro lugar e a publicação de *Poesia pra tocar no rádio*, uma coletânea de suas parcerias com vários músicos, dentre eles Itamar Assumpção, Zé Miguel Wisnik, Arnaldo Antunes e Alzira Espíndola. No prefácio ao livro, escreve:

*As letras/poesias que aqui estão são pouco mais de metade de minha produção musical até agora. Poucas foram gravadas, algumas pelos próprios parceiros, outras por intérpretes. Várias outras serão, talvez todas, mas não tenho pressa. O que importa é fazer. Acontecer é tarefa do trabalho já realizado, não do trabalhador. Mas, o que de bom mesmo aconteceu é que o prêmio de poesia do concurso da Blocos, dessa vez, foi para letras de música. Prova que, mais uma vez, poesia, seja pra ler, para dizer em voz alta, para escrever nos muros, nas camisetas, ou pra tocar no rádio, é poesia e pronto. Ponto.*

Finalmente, em 2004, a recém criada Editora Ame o Poema, de Porto Alegre, publica de uma só vez quatorze poetas. Dentre eles, as únicas mulheres são Alice Ruiz, com *Yuuka*, e sua filha, Estrela Ruiz Leminski com seu belíssimo livro de estréia: *Cupido: cuspidos, escarrado*.

Yuuka é o nome haicaista recebido por Alice da comunidade nipo-brasileira de Curitiba em 1993, em reconhecimento à *divulgação e grandiosidade que deu à poesia de origem japonesa, haikai*.<sup>24</sup> Neste livro, Alice contempla e traduz a natureza, tendo atingido, acredito, a arte do Zen que sempre buscou. Ausência do eu, como pede a arte do haikai, somada à sensibilidade de sua escrita, de seu olhar sobre as coisas e ao fazer poético:

*barco passando  
o bambuzal do Guaíba  
fica acenando*

Mas mesmo na contemplação da natureza, Alice se mostra subitamente com seu humor “desoriental”:

*Reticências não.  
Frase que é frase termina com um ponto.  
No máximo...*

Ou:

*cadela na casa da viúva  
uma chora no cio  
a outra silencia*

Se no último livro há uma significativa ausência do eu, dando abertura à contemplação, o mesmo não ocorre nas letras de suas canções, como em *Dissonância*, em parceria com Alzira Espíndola e ainda inédita:

***Dissonância***  
(Alzira Espíndola e Alice Ruiz)

*quanta dissonância a vida nos deu  
quanta dissonância a vida nos deu  
quanta dissonância a vida nos deu*

---

<sup>24</sup> Comentário no título de outorga de nome haicaista.

*quanta dissonância a vida nos deu  
pra chegar nessa harmonia*

*é preciso muito estudo  
pra saber tocar de ouvido  
pra viver em sustenido  
quantos sustos são precisos  
sem passar por meio tom  
ninguém chega ao tom maior*

*quanta dissonância a vida nos deu  
quanta dissonância a vida nos deu  
quanta dissonância a vida nos deu  
quanta dissonância a vida nos deu  
pra chegar nessa harmonia*

*é preciso ter silêncio  
pra desenhar a canção  
quantos castelos no ar  
pra manter os pés no chão  
só parando de pensar  
pra escutar o coração*

A imagem mítica de Penélope já foi utilizada diversas vezes como a fiandeira das palavras, tanto na poesia quanto na academia. Penélope tece uma mortalha durante o dia que desfaz durante a noite, como forma de afastar os pretendentes ao seu coração e à ilha de Ítaca. Fiando e desatando os nós durante vinte anos, não é a espera que chama a atenção no mito, nem a fidelidade ao marido, porque Penélope, ao fiar uma mortalha, vivia apenas o presente, o “instante-já”, como dizia Clarice Lispector em *Água Viva*. Esse mito, junto com o de Sherazade e o mito das Parcas tecendo em fios a vida humana, sugere sempre a figura da mulher como guardiã e tecelã da história e da memória. No entanto, é preciso ressaltar, como lembra Lucia Helena Vianna, que

*O tempo da memória individual pouco tem a ver com o tempo da memória coletiva. Enquanto este apresenta caráter normativo e busca a construção de uma moralidade, de uma ordem, o tempo da memória individual é aquele que nos configura, tempo caótico, desmascarado, epifânico (...) Que tempo é este, senão o tempo-espço do poético?*<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> VIANNA, Lúcia Helena. “Poética feminista – poética da memória” in *Poéticas e políticas feministas*. Organizado por Cláudia de Lima Costa e Simone Pereira Schmidt. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

#### **A poeta Alice e a Penélope de Ulisses**

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel  
Revista ArtCultura, v. 7, n. 10, Janeiro-Junho de 2005  
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/anteriorNr10.php>

É na memória individual, na singularidade de sua existência, que Alice Ruiz contribui para uma poética feminista e feminina. *O caráter subversivo, reconhecível nos textos femininos, tem seu ponto de força na verdade do segredo que revela*<sup>26</sup>. Alice constrói, por todas nós, a memória dissonante em versos harmoniosos.

---

<sup>26</sup> Idem.

**A poeta Alice e a Penélope de Ulisses**

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel  
Revista ArtCultura, v. 7, n. 10, Janeiro-Junho de 2005  
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/anteriorNr10.php>